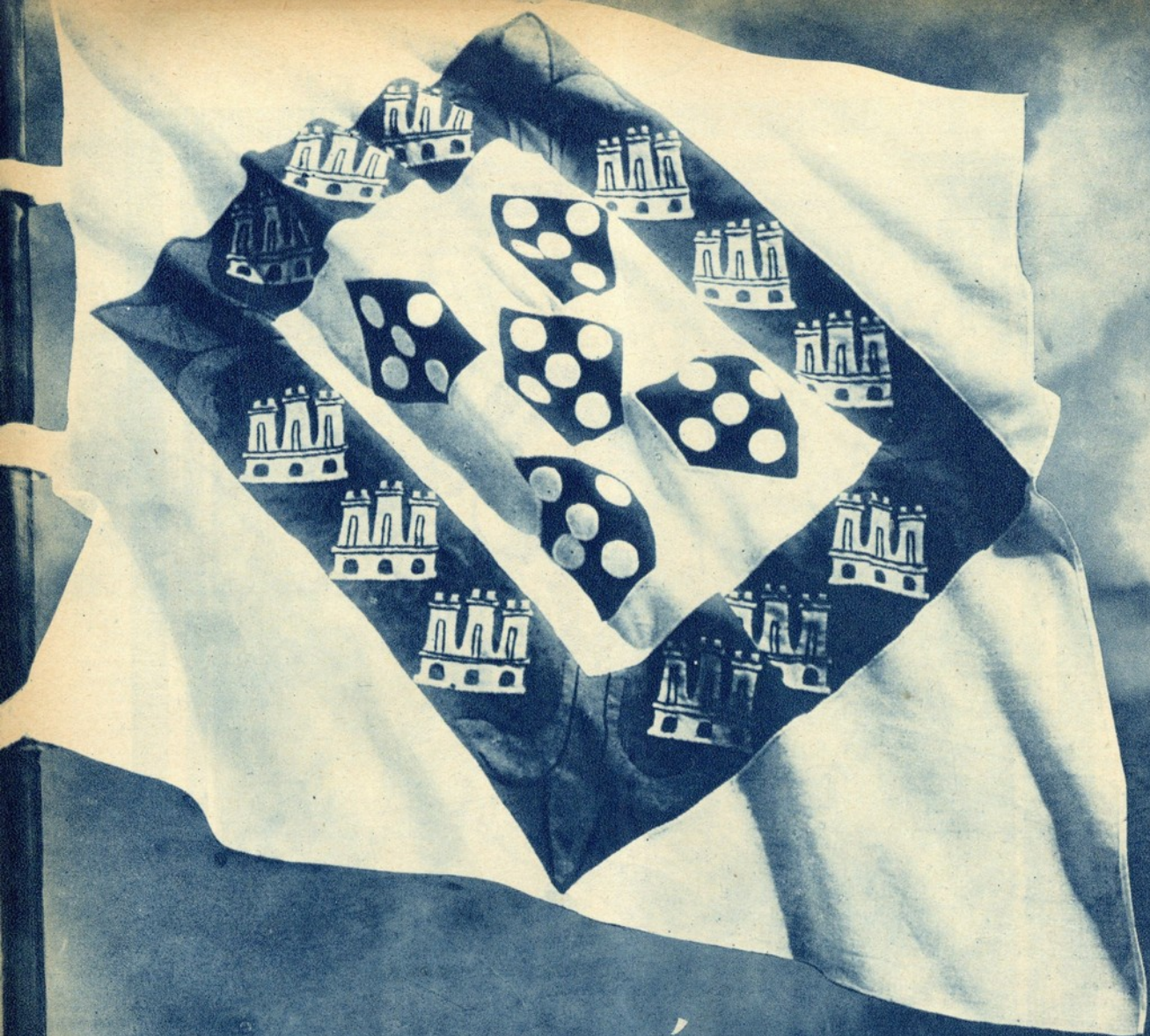
RECORDAÇÃO DE FÉRIAS COLÓNIA DA M. P. F. NA GRANJA

Uma Graduada contando a uma Lusita uma história engraçada

mocidade portuguesa feminina

SUMÁRIO

N.º 7

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

BOLETIM MENSAL

LISBOA, NOVEMBRO DE 1939

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina.
Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8.
Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.º 6 — Lisboa

ASSINATURA AO ANO: 12$00

PREÇO AVULSO: 1$00

QUANDO a juventude se enamorou verdadeiramente de um Ideal só há um lugar onde o colocar: na **Altura,** muito perto de Deus:—*«in summis excelsisque montibus»*—dizia um autor antigo. "Nos altos, nos mais altos montes", nos que tocam mesmo para lá do azul do Céu. E uma vez que assim se marcaram estes limites de Infinito ao coração, só há, depois, que escolher os caminhos que lá levam.

Uma coisa é ela certa—*«só os caminhos que sobem levam à Verdade»:*—os caminhos da virtude, de tôda a virtude.

Quando se desce, são logo os maus caminhos da vida má a levar aos abismos onde se afoga tôda a dignidade, onde não luz sequer uma nesga de bondade ou de beleza moral. Caminhos de morte. No fim, cemitérios e infernos.

Então, caminhos que nos ergam para mais e nos levem a melhor... Caminhos de Deus... mas estes caminhos não foram nunca as vias do vulgo, os que todos os pés pisam;—mas, sim, os caminhos reais—as imperiais estradas do Heroísmo e da Fidelidade—*extra viam*...

...**extra viam**—que é como quem diz, não andar pelos caminhos que tôda a gente anda, mas saír deles para preferir os mais estreitos e dolorosos, aqueles que tantas vezes nós mesmos rasgamos na terra dura ou por entre as florestas virgens. Caminhos de Renúncia...

...**extra viam**... é não querer ser como os outros, os de alma fabricada em série, os que pertencem ao comum, os que não são maus, mas também não são bons...

...**extra viam**... é receber o salário de cabeça erguida em frente do Sol de Deus, sem vergonha—sem ser por esmola.

...**extra viam**... é não ser da raça dos comodistas, nem dos conformistas, nem dos habituados—e menos dos traidores e dos covardes.

Ó caminhos do Sacrifício, como sois na verdade total os da Vitória e os da Altura!...

...que apareçam muitas almas neste século morno e triste a abrí-los com suor e sangue e alegria ao longo da terra sagrada de Portugal...

...que não haja mais uma rapariga nesta nossa terra que não traga dentro do peito o propósito decidido de escrever a todo o custo uma página na História nova da Pátria que está a restaurar-se...

...toquem de novo os bronzes dos sinos da Restauração—porque já há uma Mocidade que se decidiu e escolheu os caminhos novos que conduzem às moradas que estão erguidas na Altura—a casa santa dos nobres ideais.

G. A.

PASSEAR E APRENDER QUE BOM!

SEM lições, nem estudos, nem mestres. O ar livre, os campos, a história e a arte; tudo isso ao mesmo tempo ao nosso alcance que agradável e que simples!

A rapariga da Mocidade que vier a Sintra ou para Sintra, anda pelos caminhos em companhia das mais augustas Sombras.

Basta ter um pouco de imaginação e aproveitado das lições de História. Sem falar já dos nossos Reis e no amor que sempre os prendeu a esta linda serra, nem nos Romanos, que dizem ter dedicado aqui um templo aos seus deuses, nem mesmo nos moiros, que tantos vestigios deixaram, ainda nos restam grandes vultos da nossa História com os quais passear.

Há dias fui à Quinta da Penha-Verde e lá andei com D. João de Castro. Senti-me bem humilde perante a memória de tão notável personagem. Lembrei-me do desinterêsse com que respondeu ao seu Rei que lhe perguntava o que desejava como recompensa da sua actuação heróica na India: "Que lhe desse apenas uns penhascos na Serra de Sintra onde não crescesse coisa alguma que desse rendimento para que nunca julgassem que buscava fortuna, quando servia apenas a sua Pátria."

Parte da casa de Penha Verde

Sôbre os tais penhascos fez uma casa e várias capelas; uma das quais é dedicada a S. Catarina, padroeira da sua familia. Da roda de navalhas com que a Santa foi martirizada fizeram o timbre das suas armas. Tomou-a para a representação da sua casa D. Alvaro de Castro, em memória de ter sido armado cavaleiro à vista do Monte Sinai, local do martirio da Santa.

Os azulejos das capelas e fontes da quinta são lindos e já constituem por si uma lição de arte em cerâmica. Não são todos da mesma época nem do mesmo género, mas são todos igualmente bonitos. Que côres tão frescas e que desenhos tão graciosos!

Encrustadas nuns pilastres de pedra estão umas lápides trazidas da India pelo herói, com inscrições em "sãos kito" e já nessa data eram consideradas antiquissimas. Dão a local tão português aquele perfume de aventura e mistério oriental, que sempre seduz a imaginação.

Por entre velhos arvoredos e pedregulhos cheios de musgo vamos subindo à célebre Cruz de Penha Verde. No terreiro de larga vista, onde ela está colocada, vemos no chão uma campa rasa. Diz a lenda estar ali sepultado o coração de D. João de Castro! Deixou-o êle aos seus penhascos; à terra que o acolhera quando do seu regresso à Pátria. A Sintra onde tinha o coração preso! E na sua humildade (êle o grande e heróico guerreiro) mandou-o enterrar no chão. Morrera na India nos braços de S. Francisco Xavier; mas que perto estaria pelo pensamento de Penha Verde...

Perante a vista deslumbrante de terra e mar e da impressão de grandeza de alma que em nós cria a lembrança do conhecido rasgo do Vice-Rei empenhando as barbas por não poder enviar os ossos do filho em penhor à cidade de Gôa, ficamo-nos a sonhar... que sentimentos tão belos e que liberdade na sua expressão! Então, como agora, havia mesquinhez, baixezas e intrigas. De todas elas sofreu D. João de Castro. O seu coração pairava tão alto que sempre se mostrou superior a essas fraquezas humanas. Mas era certamente à frescura desta serra e à calma simpática das suas capelinhas que vinha pedir essa superioridade de alma que o manteve sempre acima dos seus contemporâneos e o impoz ao respeito e admiração das gerações que se seguiram.

FRANCISCA DE ASSIS
Sintra 1939

Quinta de Penha Verde
Fonte dos passarinhos. Vêem-se desenhos de pássaros nos azulejos

NOTAS:

I - D. João de Castro está enterrado na Igreja do Convento de Bemfica (hoje Pupilos do Exército) a-pesar-de ter declarado que tinha feito a Capela da Senhora da Morte em Penha Verde para sua sepultura. O povo tomou como certo o seu desejo.

II - As lápides trazidas da India foram traduzidas do "sãos kito" pelo eminente sábio português Vasconcelos Abreu nos fins do século passado.

SIMPLICIDADE

NADA fica melhor a uma rapariga do que a simplicidade. Uma rapariga complicada, artificial, pretenciosa, torna-se ridicula — e o ridiculo è sempre um manto de arlequim. Embora êsse manto seja de seda, nem por isso deixa de ser triste fazer rir os outros à nossa custa. A simplicidade diz bem com tudo.

Somos pobres? — *A simplicidade envolve-nos de simpatia.*

Somos ricas? — *A simplicidade defende-nos de invejas e más vontades.*

Somos ignorantes? — *A simplicidade faz descer sôbre nós o Espirito Santo no seu dom de inteligência.*

Somos cultas? — *A simplicidade dá à nossa ciência o poder de irradiar suavemente a sua luz, sem ofuscar nem humilhar ninguém.*

Temos defeitos? — *A simplicidade atrai-nos a indulgência daqueles que, sem ela, nos julgariam com severidade.*

E até, se fôssemos santas, *a simplicidade seria a nossa mais bela virtude, pois é ela que dá perfume a todas as outras.*

Ser simples é: — *ser verdadeira comnosco mesmo e com os outros; não pretender enganar a nossa própria consciência, procurando desculpas para o mal; nem pretender enganar o próximo, disfarçando as nossas intenções reais sob fingidas aparências.*

Ser simples é: — *ter um ideal e vivê-lo, pois um grande ideal simplifica a nossa vida, centralisando o nosso amor, reünindo os nossos pensamentos e unificando os nossos esforços.*

Ser simples é: — *viver na luz; viver no bem; viver na verdade.*

Ser simples é: — *caminhar a direito; ter Deus em vista; e a eternidade por fim.*

Ser simples é: — *aceitar a vida como ela è, conformando-nos com a vontade de Deus; cumprir o nosso dever, sem nos preocuparmos com o que os outros dirão ou pensarão de nós; sermos boas sem quási darmos por isso, porque não estamos a rever-nos nas nossas virtudes.*

Ser simples é: — no nosso modo de falar: *não empregar palavras rebuscadas, expressões exageradas, termos pretenciosos;* no nosso modo de vestir: *não dar nas vistas pelas modas extravagantes ou imodestas;* no nosso modo de viver: *ocupar o nosso lugar sem incomodar ninguém;* no nosso modo de sentir: *amar tudo o que é digno de ser amado, amar de todo o nosso coração, mas amar sem egoismo, esquecendo-nos de nós quando for preciso;* no nosso modo de pensar: *ver as coisas à luz da razão, iluminada pela fé.*

Ser simples é: — *seguir na vida com a nossa mão na mão de Deus, como uma criança que confia e se abandona...*

COCCINELLE

NOVEMBRO é o mês dos crisântemos, flor de origem japonesa, que também em Novembro floresce no Dai Nippon.

No Japão os crisântemos são cultivados em campos extensos, aos milhares, formando maravilhosos tapetes de côres variadas.

Há crisântemos de todas as tonalidades (exceptuando o azul): brancos como a neve, vermelhos como o sangue, amarelos como o ouro, róseos como a aurora, rôxos como a dôr...

Dizem que é um espectáculo surpreendente um campo de crisântemos no Japão.

O crisântemo é, nesse país, a flôr mais popular. Quando chega o tempo da sua florescência, a colheita dos crisântemos é uma faina quási semelhante às nossas ceifas. Existe até uma casta, os eta, que se destinam especialmente a êste serviço. Cultivam os crisântemos, depois apanham-nos e vão vendê-los às povoações, de porta em porta, e não há lar, por mais humilde, onde em Novembro não desabroche um crisântemo.

Os ricos compram-nos em profusão, transformam a sua casa num jardim de crisântemos; os pobres compram um raminho modesto, mas todos querem no seu lar essa flôr quási sagrada.

Nos grandes centros é costume expor os crisântemos mais belos.

Cartazes ilustrados anunciam a exposição e a multidão acorre, nunca se cansando de admirar a estranha beleza dessas flores nacionais.

Em algumas plantas desabrocha apenas uma flor, tendo sido sacrificados todos os outros botões para que essa flôr única se desenvolva, atingindo por vezes tamanhos descomunais.

Noutras plantas, pelo contrário, deixam abrir todos os botões, e são, num só pé, vinte, cincoenta ou cem flores!

A outras plantas sujeitam-nas a formas caprichosas, atando-lhe os ramos a esqueletos de bambus figurando cestos ou barcos, de que resultam deliciosas corbelhas de flores.

Nessas exposições há ainda uma curiosidade interessante: grupos de bonecos, em tamanho natural, vestidos de flores de crisântemos, figuram cenas guerreiras, lendas poéticas, histórias de amores célebres, etc.: teatro sem movimento, mas com um cenário adequado que dá relêvo e completa a cena.

Os Japoneses amam tanto as flores que acreditam que existe um Deus nas pétalas de cada flor. E o seu culto pelo crisântemo é ainda especial.

O Imperador do Japão adoptou, há quási mil anos, o crisântemo de 16 pétalas para seu brazão. É esse o seu distintivo, que aparece em ouro sôbre o fundo carmezim do estandarte real e que mais ninguém no Japão tem o direito de usar, sendo até proibido pintar um crisântemo de 16 pétalas como motivo decorativo. É previlégio da família imperial.

Entre nós, o crisântemo é flor dos jardins e cultiva-se por vezes em vasos para, sendo tratado com mais cuidadc, dar flores maiores e mais bonitas.

Todos os anos se fazem também exposições de crisântemos e embora os nossos exemplares não sejam tão perfeitos como os do Japão, vêem-se flores lindíssimas! Como nunca vimos a maravilha dos crisântemos japoneses, olhamos encantados os nossos!

No lar português não há o culto dessa linda flor do outono, mas há um dia e um lugar onde ela raras vezes falta: é o dia 2 de Novembro, nos cemitérios.

É ali que as nossas mãos vão depô-las piedosamente: sôbre a campa dos nossos mortos!

COCCINELLE

RECORDANDO·O·PASSADO

RÉCITA NO NACIONAL

Apoteose final

Quadro da família

A récita da M. P. F. no Teatro Nacional no dia da inauguração da 1.ª "Semana da Mãe" foi uma lindíssima festa cheia de luz, de côr, de alegria e de movimento, em que foi atingido plenamente o fim educativo da "Mocidade" num ambiente de arte e de graça que, dando explendor ao bem, porisso mesmo tornou a sua lição agradável e perfeita.

O programa da festa constou de duas partes. Na primeira um grupo orfeónico da M. P. F. cantou o "Hino da Mocidade", que é comum à Mocidade Masculina e Feminina, e a "Mocidade Lusitana" (versos de Branca da Silveira e Silva (Giesta) e música de Frederico de Freitas) que é particular da M. P. F. e foi cantada pela primeira vez nessa noite.

A segunda parte foi preenchida com a representação da encantadora fantasia em 2 actos e 15 quadros—Mater Amabilis—escrita pela ilustre poetisa, Branca de Gonta Colaço, para essa festa.

Com inspiração e felicidade, a autora da Mater Amabilis soube animar as cenas, aliando a beleza à moral e a história à poesia, e deu-nos belas lições de virtudes nacionalistas e familiares, numa exaltação gloriosa da Pátria e das suas grandes figuras e na devoção carinhosa do lar e da familia.

O enrêdo da peça?

Duas Pastorinhas ouvem num monte agreste, onde florescem urzes e tojos, uma linda Voz: é a Poesia, que lhes diz que vive desterrada e desejaria voltar à terra, mas não o poderá fazer emquanto não encontrar uma irmã—a Bondade—que uma Bruxa muito má encantou. E pede às Pastorinhas que a ajudem a encontrar a Bondade, de terra em terra, e pelo caminho irão aprendendo a Vida.

As Pastorinhas aceitam e partem, emquanto as Urzes e os Tojos, animando-se, começam um gracioso bailado.

À procura da Bondade as Pastorinhas chegam a uma aldeia. Batem às portas. —"Mora aqui a Bondade? Há aqui alguma escola para estudar a Vida?" É a Aldeia do mau humor. "As pessoas, ali, só se divertem a dizer mal e a achar tudo feio. Não teem tempo para aprender nada e não mora ali a Bondade!" Nisto aparece--lhes a Bruxa que as ameaça e fogem assustadas.

O quadro seguinte passa-se numa Escola de graduadas onde as Pastorinhas aprendem o que é a "Mocidade" e assistem depois a uma aula de História, "e como dizem que a História é a mestra da Vida", estudam a Vida.

4 magníficos quadros vivos: A Rainha D. Leonor, Joana de Avelar, D. Filipa de Lencastre e a Rainha Santa, que a Chefe das graduadas vai explicando às Pastorinhas pondo em relêvo as suas acções principais.

Mas eis que atravessa o palco, voando, uma Pomba branca.

Será a Bondade?! E as Pastorinhas saiem correndo atrás dela. Mas não a conseguem ainda apanhar.

E os quadros vão-se sucedendo em figuras que passam e deixam antever a Bondade: uma Professora com um grupo de alunas, duas Cèguinhas, S. Teresinha, D. Filipa de Vilhena com os filhos. À medida que vão passando, a Poesia vai fazendo o elogio da Bondade.

Mas a Poesia tem ainda outra irmã: é a Beleza. "Foi para elas três que Deus criou a terra. Encontrá-las reünidas é alcançar a felicidade".

E a Poesia conduz as Pastorinhas ao "reino da Alegria". Vão bailar as flôres!

Entram primeiro as Açucenas; depois Dálias, Cravos, Rosas, Violetas e Girasóis, que, sucessivamente, cantam e dançam, e, por fim, se juntam tôdas num bailado e côro gerais.

No 2.º acto vamos encontrar as Pastorinhas cansadas de procurar a Bondade que ainda não conseguiram apanhar. É noite. Estão cheias de sôno. Adormecem. A Poesia manda-lhes "as coisas boas de noite para as embalar".

É o Quarto Crescente que passa resplandecente e bailando suavemente; é a Aragem que ondeia e cànta com uma doçura infinita; são os Pirilampos, um delicioso bailado de crianças com pontos luminosos.

Quando êstes desaparecem, entra a Bruxa com a sua eterna vassoura e umas cordas para levar as Pastorinhas:—"Vamos a isto. Desta vez não me escapam!"

Mas surge por outro lado a Estrela de Alva e a Bruxa foge aterrada.

As Pastorinhas acordam e levantam-se. Vai romper a manhã. E continuando na sua missão, recomeçam a procurar a Bondade.

O quadro seguinte passa-se à entrada duma fábrica (a primeira "Semana da Mãe" foi especialmente dedicada às operárias).

Um grupo de Operárias canta louvores ao trabalho.

—"Haverá por aqui alguma escola para aprender a Vida e onde se possa encontrar a Bondade?" preguntam as Pastorinhas. Apontam-lhes uma. Entram. Assistem a uma lição de gimnástica e depois, no cenário duma biblioteca, aparecem 3 belos quadros vivos: a Ciência, a Literatura e as Artes, que a professora explica.

Em seguida, a professora conduz as Pastorinhas a uma casinha modesta em que a familia nos aparece numa deliciosa cêna de intimidade: Três crianças a comer, sentadas à mesa, emquanto a mãe embala um berço com uma das mãos e com a outra segura uma pomba branca: a Bondade!

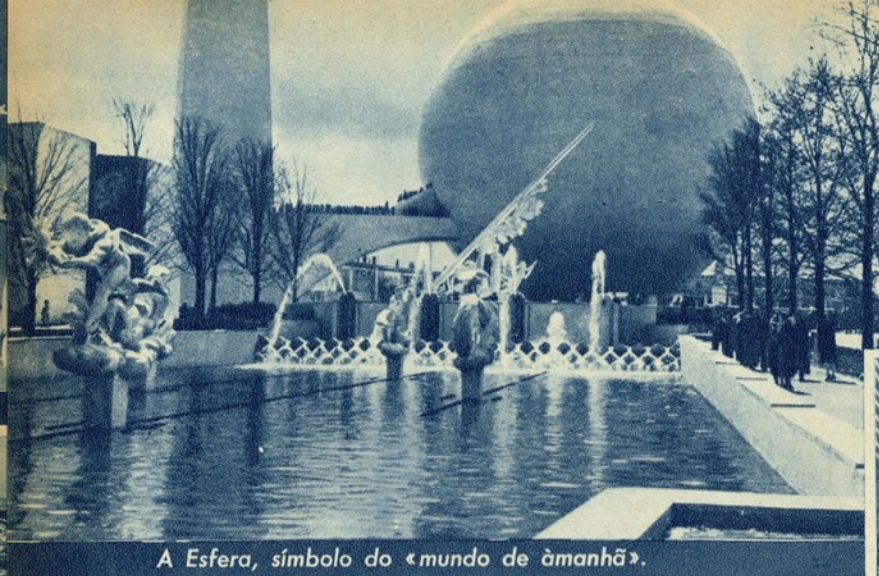
A Professora que acompanha as Pastorinhas diz-lhes: "—Ali têm a Bondade. É no lar, e entre a familia, que a Bondade se aninha".

—"Podemos apanhá-la e levá-la?" preguntam as Pastorinhas.—"Podem".

E as Pastorinhas saiem levando a Pomba que vão entregar à Poesia.

O último quadro é a apoteose da Familia. Sob o doce olhar da Poesia, que tem nas mãos a Pomba Branca—a Bondade—as Pastorinhas contemplam enlevadas um berço sôbre o qual se debruça a Mãe. E vêem, bailando, as Estrelas, bailando, ao som duma música do céu...

MARIA JOANA MENDES LEAL

PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DE NOVA YORK

A Esfera, símbolo do «mundo de àmanhã».

EM Nova York está aberta uma exposição internacional a que Portugal concorreu, o que lhe dá um duplo motivo de interêsse para nós.

É uma exposição consagrada ao progresso onde, não contentes com o progresso de *hoje*, procuraram evocar o progresso de àmanhã: *World's Fair* é o título da Exposição.

Todas as maravilhas da ciência ali estão expostas, e o "mundo de àmanhã" antevê-se no desenvolvimento e aperfeiçoamento das descobertas e realisações que fariam já o pasmo dos habitantes do mundo de *hontem!*

O *novo mundo* quis exceder-se a si próprio, atirando-se para o futuro...

A América pode dizer-se que não tem passado, porisso o seu olhar é sempre em frente!

Pelo contrário, Portugal, com um passado tão grande e tão belo, para construir o *mundo de àmanhã* precisa apenas de conservar as suas tradições nacionalistas, familiares e religiosas, e será sempre uma grande Nação!

Foi êste o espírito que orientou o nosso Pavilhão. A evocação da nossa História dá ali, a todos que passam, a lição dum passado que traçou eterno o destino de Portugal! E cenas graciosas e animadas da nossa paisagem e costumes revelam aos olhos dos estrangeiros a nossa bemdita terra portuguesa.

Não temos em Portugal—e ainda bem que os não temos!—os famosos *buldings* americanos; mas bem pequenino é um ninho e nele vive-se bem!

Também, em Portugal, a máquina não triunfou ainda como na América; mas nem porisso somos mais infelizes! Quantas vezes, nos nossos campos, os braços caiem cansados mas as almas sobem a cantar!

No centro da Exposição de Nova York destaca-se uma esfera branca com 60ᵐ de altura que atrai todos os olhares; dizem que de noite, transfigurada pelas luzes, parece um astro caído do céu! Essa esfera é o símbolo da Exposição. É dentro dela que se encerram, em *maquette*, os segredos do "mundo de àmanhã".

A libertação do homem que deixará de trabalhar... a não ser para fazer máquinas que trabalhem por êle!

A transformação da vida doméstica em que quási todo o trabalho da mulher ficará suprimido, pois bastar-lhe-á carregar num botão aqui e noutro acolá para tudo lhe aparecer feito!

Os transportes, no "mundo de àmanhã", serão quási todos aéreos...

A higiene chegará a tal apuro que, para morrer, se nos sentirmos aborrecidos da vida, será necessário *requisitar* a morte!

Mas qual!... "O mundo novo" já não será um vale de lágrimas; os fanáticos da civilisação imaginam-no um novo paraíso terrestre em que a árvore da ciência só dará frutos de vida e prazer! Mas será assim?! Estou a lembrar-me dum livro de Henry Bernay "Um homem que dormiu 100 anos" (adormeceu em 1927 e acordou em Nova York no ano 2027).

A fantasia do escritor desperta-o num "mundo de àmanhã" semelhante ao que a Exposição de Nova York idealisou: a alimentação é tomada só em pílulas; o homem transporta-se em helicopteros (aparelhos voadores); a higiene exige vacinas contra todas as doenças possíveis e imaginárias; o telefone e a televisão tornaram-se banalidades; cadernetas—talões satisfazem todas as necessidades da existência, etc., etc.

Mas a-pesar-de todo o confôrto material e de todos os maquinismos, a vida perdeu tanto o interêsse, e a vontade própria, sob pretexto de liberdade, fica sujeita à tirania de tantas prescrições e leis, que o homem que dormiu cem anos exclama desolado:—"Que vida esta!" e acaba por embarcar para a Austrália por lhe constar ser o único país onde ainda se vive à moda do século XX!...

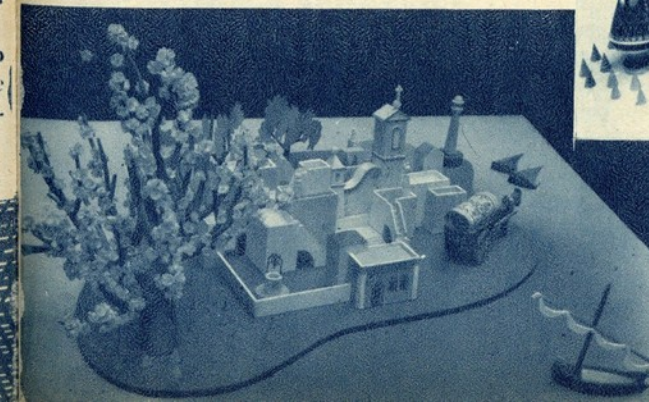
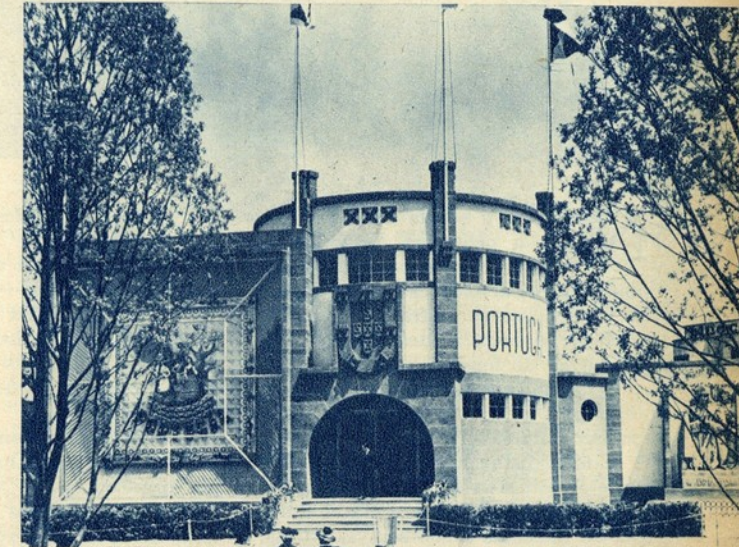
Não, não devemos suspirar pelo "mundo de àmanhã" desconsolados com o nosso tempo. Se acordássemos daqui a um século, quem sabe se não nos aconteceria como o "homem que dormiu cem anos?"

Vivamos felizes no nosso meio e no nosso tempo, aproveitando do progresso o que de bom êle tem, mas sabendo também dar valor ao trabalho que custa sacrifícios, mas dá alegria!

Na vida da mulher faltaria a mais doce das consolações se o progresso dispensasse por completo a actividade que o seu amor põe ao serviço da família.

As nossas mãos não acarinham apenas quando afagam; o trabalho também pode ser um gesto de amor.

Pois que amor mais verdadeiro e carinhoso do que aquele que procura tornar-se agradável e útil?

M. J.

I — O pavilhão de Portugal na Exposição de Nova York.
II — Uma aldeia da nossa terra.
III — Uma festa popular portuguesa.

POR MARIA PAULA DE AZEVEDO

ERA UMA VEZ...

As ideias DE Maria Francisca

NAQUELA escola de raparigas havia pequenas de todas as classes. Umas filhas de gente abastada, comerciantes ricos e donos de lojas luxuosas; outras de humildes artífices, vivendo modestamente; ainda outras de famílias nobres embora sem fortuna; e até mesmo algumas cujos pais pouco tinham para o seu sustento diário.

E tôda esta pequenada aprendia junta e brincava alegremente nos recreios sem que houvesse grandes brigas ou quesílias umas com as outras.

A professora, inteligente e bondosa, estimava as pequenas com verdadeira ternura; e gostava de conversar com elas, de lhes contar histórias, de lhes explicar bem o que não entendiam.

E todas as pequenas diziam convencidas.—Como é boa a Senhora D. Maria! Não há outra como ela! Quantas vezes, ao ver alguma pensativa e isolada a um canto do recreio, a senhora D. Maria ia ter com ela, enfiava o seu braço no da discípula, e perguntava, risonha:

—Vamos a saber, queridinha, que andas tu a magicar? Não te apetece correr agora?—e assim os espiritosinhos das suas discípulas não tinham segredos para a boa professora.

Maria Francisca, filha duma família antiga pouco afortunada, era uma das pequenas que mais interessava a senhora D. Maria. Muito inteligente, embora pouco estudiosa, aprendia tudo ràpidamente; mas, como não estudava bastante, as coisas saíam-lhe da cabeça tão depressa como entravam, o que afligia a boa professora.

Sentadas na borda do tanque redondo que havia no jardim, Maria Francisca, Helena, filha do merceeiro mais importante daquele bairro, e as duas gêmeas Manuela e Fernanda, cujo pai era um pobre sapateiro que mal ganhava para sustentar a enorme família, discutiam acaloradamente; e de longe, sentada à janela com a sua costura, a professora observa-as com interêsse.

—Nós somos da mesma idade do que tu, Francisca—dizia Manuela.

—E andamos na 4.ª classe como tu—continuou Fernanda.

—E eu sou mais rica do que tu, Maria Francisca—disse Helena, risonha:

—Pois sim, meninas, falam todas bem. E olhem que não lhes digo isto por orgulho: vocês bem sabem que somos amigas tôdas quatro como se fôsse-mos irmãs—respondeu Maria Francisca—mas há coisas que custam a entender; e eu quero entendê-las.

—São as tuas ideias, Maria Francisca!—tornou Helena—para que hás-de ter sempre ideias diferentes das nossas?

—Li um artigo num jornal francês, sabem?

—Oh!—exclamaram as gêmeas.

—Já tenho lido muitos—disse Helena.

—E êste artigo—continuou Maria Francisca—dizia muitas coisas que eu não acredito sôbre a igualdade.

—O meu pai diz que somos todos iguais neste mundo—declarou Fernanda.

—Mas não somos tal!—respondeu Maria Francisca.

—Olha—observou Helena—o que dá a igualdade é só o dinheiro; é o que tenho ouvido dizer à minha mãe.

Maria Francisca abanou a cabeça.

—Vocês não sabem; e tudo isso são asneiras. Então o meu pai, que é pobre mas é fidalgo, é parecido com o teu, Helena? E com o teu, Fernanda?

As interpeladas evocaram ambas os seus pais respectivos: um, o honrado merceeiro que começara a sua vida como marçano, quási sem instrução; o outro, humilde sapateiro, passando os dias a bater as solas. E comparavam-nos mentalmente a D. António de Melo, prestigiosa figura de homem culto, filho de sucessivas gerações de gente culta... Não, na verdade, havia entre êsses homens uma barreira enorme.

Não sabiam explicar a razão; mas era assim.

—Não se parecem, não... murmurou Helena.

A professora aproximou-se das pequenas; e, depois de saber qual o assunto que discutiam, disse:

—Queridas filhas, não há igualdade neste mundo, nem é possivel que haja! visto que na própria natureza não existe igualdade. Uns nascem espertos, outros tôlos; uns sãos, outros fracos. E até no reino vegetal a igualdade não existe. Mas aos olhos de Deus, sim! Nas almas é que há igualdade absoluta e só contam para Deus as qualidades da alma.

—Mas—disse Maria Francisca—porque é que todos querem sempre ser o que não são, e ninguém está contente com o que é?

—Tens razão em parte, Chica—respondeu, rindo, a professora—E a felicidade estará decerto na *cooperação* das classes a substituir a luta. Se todas as classes se ajudassem no trabalho que lhes coube na vida...

—Assim tu, Helena, és a mais activa de nós quatro—observou Maria Francisca.

—Tu, a mais inteligente—respondeu Helena.

—A melhor é a Manuela—disse Fernanda.

—Fernanda a mais estudiosa—tornou a professora.

—A trabalhar juntas, quantas coisas bôas não faremos nós?—concluiu Maria Francisca.

A LUSITA nunca deve:

Ser tristonha ou macambúzia:
A ***Alegria*** *e o* ***Optimismo*** *são duas grandes fôrças na vida.*
Pensar nos seus gôstos de preferência aos das suas amigas.
Ser autoritária ou mandona com outras Lusitas.

Charadas e Adivinhas

Numa ovelha (1 sílaba)
Cheia de meiguice (2 sílabas)
Está a candeia que alumia.

* * *

Eis aqui (1 sílaba)
Um recipiente (2 sílabas)
Que me deixa andar bem quente.

* * *

Isolado (1 sílaba)
E sem ver (2 sílabas)
Que descanço posso ter.

(As soluções vêm na página 16)

MEMÓRIAS dum LÚLÚ branco

JÁ não estamos na quinta! Uma manhã, depois de andarem pais e filhos bastante agitados, escada abaixo, escada acima (e eu sempre atraz deles todos a vêr se compreendia a razão daquele movimento) puzeram-se muitas malas no alto da escada; apareceu um homem mal cheiroso e nojento (a quem ladrei com fúria) a pegar nas malas, e pouco depois saíram de casa... sem me levar!!

Indignado com isso, indiferente aos carinhos da minha querida Margarida, resolvi não comer emquanto o dono, ao menos, não voltasse...

Mas qual! Dias passaram, longos dias bem tristes, sem que eu soubesse o que era feito dos meus queridos donos! Dias, digo eu; mas foram semanas de tristeza e desalento...

Finalmente fui com a Margarida para Lisboa; e entrei numa casa que achei engraçada. Uma noite, senti parar dois automóveis e vi chegar a família toda: que alegria! que loucura!... Eu nem podia ladrar, tal era a minha comoção; só conseguia dar gritinhos e gemidos, emquanto saltava em volta dos donos adorados com os meus pulos de *saca-rôlhas!* A Mimi, até chorou, abraçada a mim!

Quási todos os Domingos, no sótão da casa, havia as reüniões chamadas dos *Pardalinhos da rua:* nome que a Manuela poz àquela tropa de rapazes, embora eu não lhes ache a menor parecença com êsses passarotes que enchem as árvores de Lisboa. Talvez seja pela berrata que fazem uns e outros.

Essas reüniões, às quais eu assisto sentado ao lado da Mimi, não me irritam muito, valha a verdade, porque vejo nelas alguma utilidade: os rapazes aprendem, pelo menos, a subir e descer a escada quási tão depressa como eu (devem tê-lo aprendido comigo).

Também gosto de os ouvir gritar os vivas do costume emquanto correm pela escada abaixo; parecem um bando de lúlús a ladrar ao mesmo tempo!

A sabedoria dêles ainda não satisfaz a Manuela, isso percebi eu; mas não me admira, pois sei bem quanto ela é exigente e severa. Quer que eles respondam a umas certas preguntas que ela repete vezes sem fim! e que já me aborrece ouvir.

—Quem foi o maior poeta do mundo?

—Quem descobriu o caminho para a India?

—Quem foi o primeiro rei de Portugal?

—Quem descobriu o Brazil?

—De que tratam os Luzíadas?

E as respostas são nomes exquisitos que eles teem de saber; mas que, ao que parece, trocam uns com os outros! E Manuela ralha a bom ralhar, emquanto a Mimi ri a bom rir.

Os mais pequeninos dizem quási sempre que os Luzíadas é uma fita; que o 1.º rei se chamava Camões; que o caminho para a India foi descoberto por D. Afonso Henriques, o Brazil por Vasco da Gama e que o maior poeta foi Pedro Alvares Cabral.

Ora parece-me injusta a zanga da dona; desde que os nomes lá estão todos, se estão baralhados, paciência! Que importância tem isso?!

Aqui há tempos houve um certo Julinho, por alcunha o *Canário,* que a fez zangar deveras: declarou, muito a sério, que o primeiro rei de Portugal se chamava D. Afonso... Costa!!!

Lá porque em logar de Henriques disse *Costa* foi o bom e o bonito!! A tropa ria à gargalhada; a Mimi dava saltos a pés juntos, mas a Manuela, muito encarnada, exclamou, de cara franzida:—Ah não! Isso agora! Eu não conheço nem o Henriques nem o Costa; mas julgo que o último deve ser um bicho antipático: talvez uma espécie de gato?

Não sei; nem me importo, afinal.

Por tôda a casa (e em todas as casas conhecidas) só oiço agora a palavra NATAL! NATAL!

E lamento bem do coração, não ter uma alma de homem (ou mesmo de creança...) para bem compreender o que significa essa palavra! Julgo, porém, que Natal quer dizer: ALEGRIA! BONDADE! FELICIDADE! CARIDADE!—pois parecem-me todos com melhor génio, com ideias agradáveis uns para os outros, os pequenos a preparar prendas para dar aos pais, no mês que vem, os pais a falar em enfeitar um enorme pinheiro com coisas brilhantes e lindas! E eu (a quem, valha a verdade, nem por isso dão muita atenção) ando dum lado para o outro, calado e pensativo, a ver se o meu cérebro de cão pode compreender alguma coisa do que se vai passar para o mês que vem. O que me esclareceu um pouco foi ouvir a querida Mimi dar umas explicações à pequenita da mulher da hortaliça:

O NATAL—"dizia ela—é a festa mais linda do ano! É o dia em que veiu ao mundo tôda a luz, é o dia em que, para nos salvar a todos, nasceu Jesus!"

Ora isto fixei eu, embora não o compreenda bem... Quem será Jesus? que luz será essa que ilumina o Mundo no dia de Natal? Sem o poder compreender, repito. fui lamber as mãos da querida Mimi; e olhei-a com tal anciedade que a boa menina pegou nas minhas patas, pousou-as no colo e falou assim:

Pobre do meu Lusinho, a quem só falta falar! Estamos quási no Natal, sabes tu? (eu dei ao rabo com alegria) "E para festejar o nascimento de Jesus todos são bons, todos são generosos, todos se sentem alegres e felizes, todos pensam uns nos outros!"

Então, compreendendo emfim que *Natal* queria dizer a Felicidade no mundo desatei a saltar em volta da adorada Mimi, que ria até às lagrimas!

E com isto parece-me que tenho de pôr ponto nas minhas memórias. Terão inspirado algum interêsse às leitoras Lusitas?? Espero que sim. E aos meus irmãos cães espero também ter sido útil, com as minhas observações cheias de senso e a minha maneira de encarar a vida.

Termino, pois, recomendando-lhes que tenham diplomacia para bem viver no meio da raça humana! Lembrem-se sempre que na vida é preciso ladrar a uns, lamber os outros, morder alguns, rosnar a muitos... E aqui terminam as memórias dum Lúlú branco.

FIM

TRABALHOS DE MÃOS

O BERÇO

Os berços mais económicos são os de vêrga, mas, para ficarem mais bonitos, é costume forrá-los com qualquer tecido, que se escolhe conforme as posses de cada um.

Como os nossos berços se destinam a pobres, não devem ser forrados com tecidos ricos. Até uma chita bonita pode servir.

Deve escolher-se uma côr clara, lisa, ou com desenhos delicados; por exemplo, florinhas miúdas em fundo branco, azul ou côr de rosa.

O que é necessário para preparar um berço:

1.º — Antes de mais nada, tem de se comprar o próprio berço. Encontram-se à venda na Praça da Figueira, no Grandela, Grandes Armazéns do Chiado; etc., berços de vêrga baratos. Com um suporte para o altear custam um pouco mais, mas são melhores. O berço deve ter também uma capota formada por vários arcos de vêrga.

O berço costuma ter aproximadamente 100 X 50, isto é, a forma dum cesto sôbre o comprido. Até uma canastra pode servir, como usam as peixeiras.

2.º — É também necessária uma tira de 2^{m},85 de comprimento, pouco mais ou menos, e com 20 cm. de largura, de flanela de algodão ou de qualquer outro tecido espesso para cobrir o rebôrdo do berço, que fica assim mais macio.

3.º — 7^{m} ou 8^{m} de fita com 2 cm., ou então tiras estreitas do mesmo tecido de que é forrado o berço, que se enrolam em volta dos arcos da capota.

4.º — 75 cm. de fita para um laço na capota, no caso de se lhe querer pôr êste enfeite.

5.º — 2^{m},85 duma fita com molas para o fôrro do berço se poder tirar e lavar com facilidade. Não havendo essas fitas de molas já preparadas, pregam-se as molas numa fita de nastro.

6.º — 3^{m} de *ouatine* para acolchoar a parte interior.

7.º — 7^{m},50, com 80 cm. de largura, de tecido para forrar o berço (chita, *cretonne, piquet, opalette, etc.).*

Modo de executar o trabalho:

1.º — Cose-se sôbre a flanela de algodão, a 4 cm. da ourela, a tira das molas (fig. I) Coloca-se esta flanela de modo a cobrir o rebôrdo do berço, (deixando as molas do lado exterior do berço) e prende-se esta tira com pontos sólidos, através da verga, rente ao rebôrdo (fig. II).

2.º — Se o tecido não fôr acolchoado, fixa-se no interior do berço, (cosendo-o à extremidade da flanela em que se envolveu o rebôrdo do berço) um fundo de *ouatine* composto de: a) um bocado oval para o fundo do berço, que tenha mais 2 cm. do que a medida exacta, para dar para as costuras; b) uma tira que dê a volta, interiormente, a tôdo o berço, onde se prega a fita das molas que há-de ir apertar na tira que já está colocada na flanela com que se forrou o rebôrdo do berço; c) cose-se o fundo a esta tira, que forra interiormente o berço, com costura inglesa.

O fôrro fica, pois, completamente móvel, visto que fica apenas prêso nas molas, podendo portanto tirar-se sempre que se queira. (fig. III).

Do lado interior, rente do rebôrdo do berço, prega-se a 2.ª fita de molas para aí ser prêso o fôlho exterior do berço, que deve ter a outra parte das molas (fig. IV e V).

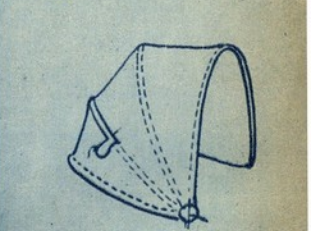
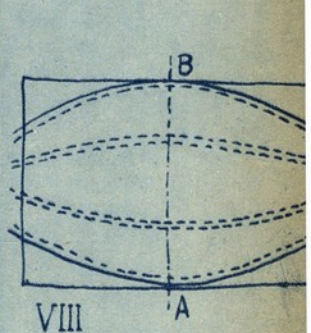
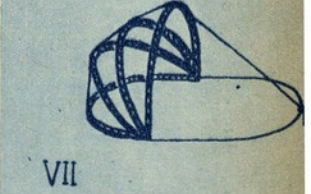
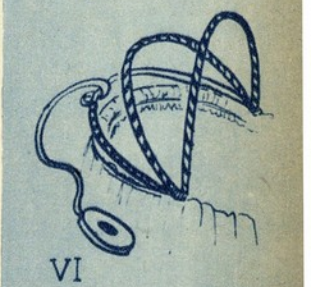
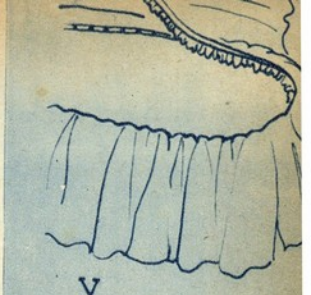
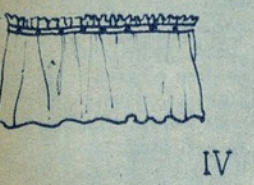
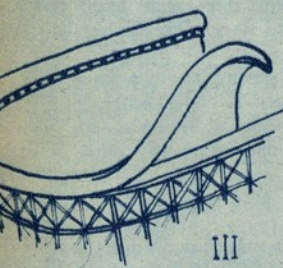
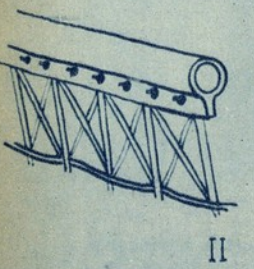
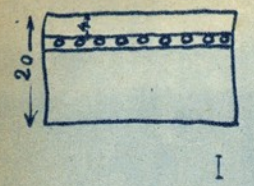
O fôlho terá a largura necessária para cobrir a verga e são precisos aproximadamente 4^{m},50 de tecido. Fecha-se o fôlho com uma costura e faz-se em baixo uma pequena bainha.

Como o fôlho é muito longo, para facilitar fazer o franzido, divide-se o tecido em 6 ou 8 partes; o franzido deve ficar com uma cabecinha, podendo até meter-se-lhe dentro um cordão. A tira das molas que se pega neste fôlho, abaixo da cabecinha do franzido, deve dividir-se no mesmo número de partes em que se dividiu o tecido, para se igualar o franzido, que se prega a esta fita com alfinetes; em seguida alinhava-se, e, por fim, depois de bem acertado, cose-se definitivamente à fita das molas.

Capota. a) Começa-se por enrolar os arcos da capota com a fita ou a tira do tecido escolhido (fig. VI); b) mantém-se a capota aberta prendendo-a provisòriamente de arco em arco com um cordel ou uma fita qualquer (fig. VII).

Em seguida, se a capota fôr franzida, corta-se com tôda a largura da fazenda, uma tira de 2^{m},20, se o tecido fôr leve, ou de 1^{m},80, se o tecido fôr mais forte. Mede-se a largura existente entre o arco da capota e passa-se no tecido duas linhas (por cada arco) deixando entre os dois fios a largura do arco, e marca-se também o meio no sentido da largura, depois franze-se o tecido. O franzido forma uma cabecinha ou mete-se-lhe um cordão (que ficará em relêvo no exterior da capota). Antes de coser o tecido aos arcos, estende-se a fio direito sôbre a capota, pregando o meio com alfinetes a cada um dos arcos. Iguala-se o franzido, para ficar espalhado igualmente de cada lado, e cose-se então.

Se a *capota é lisa,* talha-se um molde em papel sôbre a capota, que se mantém aberta com os cordéis, e marca-se o lugar dos arcos.

Por êsse molde talha-se o tecido, e passam-se também duas linhas no lugar de cada arco deixando entre os dois fios a largura do arco, (como se fez para a capota franzida) e franze-se ligando nas extremidades. Marca-se também o meio no sentido da largura (fig. VIII). Liga-se com alfinetes o tecido ao arco e depois cose-se com pontos apertados apanhando o arco na costura (fig.IX). Corta-se o tecido que cresceu dos lados, remata-se com perfeição e cose-se a capota com pontos largos ao berço. Nas capotas lisas, para esta ficar mais esticada, póde-se cortar o tecido em 3 bocados, enviesados. Mas é mais difícil de fazer.

PARA ENFEITAR A ROUPINHA DAS CRIANÇAS

Recordações de férias

(Fotografias enviadas pela filiada n.º 3357, Maria Arminda Grilo Aidos, da Província Douro Litoral).

I — Graduadas no jardim da Colónia de Férias da M. P. F. na Granja.

II — Na praia da Granja. Um grupo de graduadas... embarcadas na areia.

PORTUGAL

Ouve mãizinha, eu não percebo bem,
Dizem que Portugal, não é como foi dantes...
Falaram-me de heróis, de grandes navegantes,
E que foi, como eu, pequenino também.

Mas dize-me então !... Não sei, não posso crer
É verdade? É assim? Vais-me contar mãizinha
E eu sento-me a teu lado, aqui, muito quietinha
E prometo-te já, nunca te interromper.

—Pois sim amor, escuta, tens razão !...
Portugal não foi sempre o que tu vês agora,
Nasceu muito pequeno e apenas hora a hora
Lutando, conseguiu os domínios de então !

Viviam neste tempo, os nobres lusitanos,
Gente guerreira, audaz, capazes de vencer !
Foram séculos a fio, séculos a combater
E sangue derramado em tantos milhares d'anos.

Foi assim que crescendo, êle se tornou gigante
E nós, vimos surgir numa ternura enfinda,
Daquele que em pequenino era condado ainda,
O Portugal d'agora enorme e confiante.

E vês tu, meu amor, como êle cresceu também?
Tem sabido mostrar a tôda a humanidade,
Grandeza, coração e tanta heroicidade
Que nunca morrerá, nessas terras d'além.

Anda, vamos rezar em frente desta cruz
Uma oração de amor ao Deus Celestial !
E para os que a lutar, honraram Portugal
O nosso humilde preito — um eterno Amen Jesus.

Província — Extremadura. Ala — 2. Centro — 1. Filiada N.º 5 — MARIA EMÍLIA FERREIRA RIBEIRO

O SONHO DO BÉBÉ
(CONTO INFANTIL)

À noitinha, quando já estava quási a dormir, o Bébé voltou-se para a sua mãi, que ainda se conservava ao pé dêle, e preguntou-lhe:

— Mãizinha, o que é a M. P.?

A Mãi, já zangada por o Bébé não dormir, respondeu-lhe:

— Vamos, Bébé, faça ó ó! A mãizinha àmanhã diz.

O Bébé calou-se e cêdo era vencido pelo sôno.

Na manhã seguinte, logo que o Bébé viu a Mãizinha querida, exclamou:

— Minha Mãi, já não preciso que me diga o que é a M. P. Eu é que lhe vou contar o meu sonho, que me parece definir bem o seu significado. Ouça Mãizinha:

— A M. P. é uma seara onde trabalham inúmeros cultivadores, cheios de zêlo e carinho, para que as sementes, hoje lançadas à terra, sejam enormes espigas de àmanhã, tão boas e tão sãs, que não devem ter um grão estragado.

E o Bébé, ao acabar de narrar o seu sonho, volta para a mãizinha o seu rosto juvenil e entusiasmado, e preguntou ansiosamente:

— É isto, não é Mãizinha?

— É sim, meu filho. A M. P. é realmente isso. Todos os dirigentes trabalham na M. P. tal qual os zelosos trabalhadores que cultivam os seus campos, para que assim como as sementes, ontem lançadas à terra, são as enormes espigas de amanhã, os rapazes e raparigas de hoje sejam os heróis defensores da Pátria e as encantadoras mensageiras da paz de àmanhã também.

MARIA JOSÉ GOMES ÁLVARES
Filiada 509, 3.º Castelo, Infantas, Centro 1, Ala 2, Extremadura

SOLUÇÕES DAS CHARADAS:
Lanterna — Capote — Socêgo